

**Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais**

Fernanda Bezerra de Oliveira

**Intersecções narrativas: sujeito, memória e o
aprender em artes visuais**

Brasília - DF
2019

Fernanda Bezerra de Oliveira

**Intersecções narrativas: sujeito, memória e o
aprender em artes visuais**

Trabalho de Conclusão do Curso em Artes Visuais, Habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Orientador: Professor Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira

Brasília - DF

2019

**Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais**

Fernanda Bezerra de Oliveira

**Intersecções narrativas: sujeito, memória e o aprender em
artes visuais**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de licenciado.

Aprovado em: 04/12/2019

Banca examinadora:



Presidente e Orientador

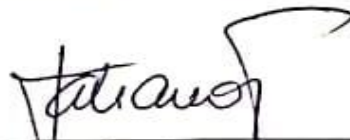
Professor Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira
Departamento de Artes Visuais

Prof. Dr. Luiz Carlos Pinheiro Ferreira
Departamento Artes Visuais
Universidade de Brasília
Matricula: 1038419



Membro Interno

Professora Dra. Ana Paula Aparecida Caixeta
Departamento de Artes Visuais



Membro Interno

Professora Dra. Maria del Rosário Tatiana Fernández Méndez
Departamento de Artes Visuais

"A perfeição não existe. [...] Com todas as suas imperfeições, você pode fazer de tudo."

Coragem, o Cão Covarde. Cartoon Network, 1999

AGRADECIMENTOS

Agradeço a realização desse trabalho de conclusão de curso a algumas pessoas:

A minha mãe que sempre buscou me incentivar e não me permitiu desistir jamais. Sua compreensão, gentileza e trabalho duro são exemplos que busco seguir nesse trabalho e na vida.

A minha namorada por me fazer escrever essa pesquisa quando eu achava não ter fôlego para prosseguir e sempre estar ao meu lado nos momentos que precisei.

Aos amigos que partilhei meu ensino médio. Sem estes não seria quem sou hoje.

Aos amigos que fiz na vida, pelos momentos de descontração.

Aos amigos da faculdade, sempre me mostrando novas coisas sobre diversos temas, aos momentos partilhados de tristeza e felicidade. Grata também ao poder ver que não fui a única a ter dificuldades nessa escrita.

Ao meu Orientador Professor Luiz Carlos Pinheiro Ferreira sem o qual eu não acharia ser possível escrever na academia sobre algo que sempre acreditei tão piamente. Pela paciência e por sempre acreditar nesse trabalho quando nem eu acreditei.

Parabéns a todos os professores que exercem uma profissão que vem se desvalorizando e que mesmo assim sempre buscam dar o melhor de si. Vocês são uma inspiração e uma necessidade para um futuro melhor. Muitíssima obrigada.

RESUMO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso apresenta apontamentos sobre o conceito de sujeito e as relações com o campo da memória. Utiliza trechos narrativos como subsidio para refletir acerca das paradas e dos movimentos que são inerentes ao processo de formação do sujeito. Nesse aspecto, as imagens são pensadas como repertórios relevantes de padrões de comportamento e de aprendizagem no âmbito da formação em artes visuais e na vida. Apresenta-se, ainda no contexto da pesquisa, uma prática pedagógica vivenciada com alunos na Disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 2, como alternativa para considerar questões relacionadas com a imagem, a função do professor, o afeto e o cotidiano da sala de aula.

Palavras-chaves: narrativa; sujeito; memória; imagem; estágio docente

Lista de Figuras

Figura 1.....	18
Figura 2.....	24
Figura 3.....	26
Figura 4.....	28
Figura 5.....	29
Figura 6.....	34
Figura 7.....	34
Figura 8.....	35
Figura 9.....	36
Figura 10.....	38
Figura 11.....	39
Figura 12.....	42
Figura 13.....	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
.parada narrativa 1.....	7
1. PARADA INICIAL	10
1.1 Apontamentos sobre o conceito de sujeito	10
1.2. Sujeito e a sociologia.....	11
1.3. Sujeito e a psicanalise.....	13
1.4. Sujeito e a imagem.....	16
1.4.1. Imagem.....	19
.parada narrativa 2.....	17
.parada narrativa 3.....	21
.parada narrativa 4.....	23
2. PARADA CENTRAL	26
2.1. A dimensão do aprender em artes visuais.....	27
2.2. Professor-aluno: uma relação de afetividades.....	29
.parada narrativa 5.....	32
2.3. Pensando a prática.....	34
.parada narrativa 6.....	34
3. PARADA EM DEVIR	43
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS	48
ANEXO A.....	48
ANEXO B.....	50

Introdução

.Parada Narrativa 1

“Ainda criança lembro de estar viajando de carro à noite, olhava a paisagem passando rápido. Minha mãe fala algo, em seguida quase grita e meu pai se desespera.

\(?).?

O carro capotou. Fiquei pendurada pelo cinto de segurança infantil, não sei quão pouco ou quão muito fiquei assim. Lembro de alguém me pegar e tirar do carro - não recordo se um bombeiro ou um de meus pais.

Ver o mundo passar, deixar acontecer e algo parar são experiências que parecem se repetiram em meu mundo interno/externo. Apenas esperando uma parada passar para seguir a próxima, sem mexer muito, sem muito fuzuê.”

Início essa pesquisa de graduação com uma lembrança de minha infância que parece se repetir constantemente, embora não de forma literal, mas metafórica. Permanecer parada enquanto o Outro se movimenta. Chegar da escola e ficar prostrada ante a televisão para ver tanta história acontecer; ficar sentada enquanto meus professores ministravam aulas; ser a amiga que observa mais do que faz enquanto meus colegas brincavam; entrar no metrô e ver as estações passando enquanto eu fico quieta, olhando do banco o mundo passar. (Re)parando nas coisas a minha volta.

Associo essas paradas como as paradas de ônibus. A vida é o ônibus percorrendo um caminho. Assim as vejo, pois, estou sempre em um processo de (re)parar no que ocorre ao meu redor, como um filme que passa e não interajo. Poderia descer, andar e sair do ônibus. Porém estou no eterno aguardo da minha parada. Essas são as paradas que ocorrem antes da notaçãõ musical voltar a mostrar qual nota vem depois da pausa. Nessas pausas fui me criando e assim interajo com o mundo. A primeira parada. Respiro. Ainda não cheguei na parada destino. Não sei onde ela irá terminar.

Em vista disso, incorro em cada parada como um momento de minha vida que eu (vi)vi da janela do ônibus. As paradas começam no momento que, após entrar no ônibus, me sento para olhar a janela. Elas aparecem em sequência numérica em uma tentativa vã de alinhar minha vida como acontecimentos lineares, pois seus entrelaçamentos são confusos, mas todos ocorreram na vista que tenho de dentro do ônibus. Cada saber que adquiri, seja ele formativo, adquirido institucionalmente, ou então, aprendido por mim mesma numa perspectiva

autoformativa, fez parte de minha vida e me alterou de alguma forma. Do mesmo modo, cada parada traz uma nova intenção nos trechos em que os escrevo, sinalizando para o leitor que entramos em uma nova parada do texto. Assim, convido-o para sentar ao meu lado do ônibus para que possa ver o que eu vi.

Sabendo que só há espaço limitado para se enxergar nessa janela e que, você como pessoa sentada ao meu lado ainda me têm como interferência do que seu olhar alcança – decidi fazer uma separação dessas paradas narrativas por um espaço pequeno entre as letras. Um certo apertado que se encontra na linha de baixo e volta, mas é, dá pra ver, foi só um olhar que se perdeu e voltou. Como marca de personalidade, escolhi utilizar a fonte em itálico e um fundo amarelo (o mais próximo que o Word me permitiu de alcançar minha cor favorita - laranja) para sinalizar ainda mais veementemente a diferença dessas paradas em relação ao resto do texto e impor uma subjetividade.

Saliento que no referido texto, utilizo-me de um recurso sobre a personalidade de minhas memórias, aos quais chamarei de paradas narrativas. Assim as uso pois vejo indissociável falar sobre o sujeito, suas afetividades e pertinências sem falar de mim, de quem sou e sobre as diferentes formas de aprendizagem na vida e na escola. A minha jornada é pessoal, mas é na capacidade humana de se ver refletido no Outro que encontro aqui recursos para desnudar parte de minha vida. Acredito que esta pesquisa possa contribuir para futuros leitores, sobretudo, ao considerar questões pontuais acerca das minhas experiências formativas, bem como, das teorias e interseções apresentadas no decorrer da pesquisa.

A pesquisa apresenta-se a partir de algumas paradas significativas. A **Parada Inicial**, onde utilizo algumas anedotas de minha infância e adolescência adjuntos com um acervo pessoal para esclarecer algumas questões referentes a revisões literárias, buscando criar uma base para alguns entendimentos fundamentais desta pesquisa.

Na **Parada Central** as anedotas passam a fazer parte do meu presente, esclarecendo os caminhos que me fizeram descer na estação para adentrar a Universidade de Basília e me encaminhar para o Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Além, apresento como recorte metodológico da pesquisa trabalhos que realizei com alunos durante a Disciplina de Estágio Supervisionado em Artes

Plásticas 2¹.

Enfim, desço em uma **Parada em devir**. Busco refletir sobre as paradas que me trouxeram aqui - nesse eterno estado de parada em futuro chegar. Analisa-se questões referentes ao meu trabalho na Disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 2 anteriormente revelado e traço algumas reflexões sobre o que se realizou na jornada desse trabalho.

Nessas abstrações de teorias e saberes, a única forma com a qual me encontrei capaz de dar sentido ao que procuro falar foi através dessas experiências narrativas sobre mim. No ato de lembrar e impor ordem vou descobrindo quem sou e o que eu sei.

¹ Disciplina realizada no 1º semestre de 2019, sob regência da Professora Rosana de Castro.

1. Parada Inicial

Vê-mo-nos impossibilitados de entendermos ou de sermos aptos a falar de si e/ou de um Outro sem antes nos atermos ao que constitui um sujeito - um ser, uma pessoa, eu.

Aqui você vem se sentar ao meu lado do ônibus. Não teve muito tempo que entrei nele, assim, aqui ainda estou me entendendo como Sujeito e preciso me encontrar. Procurei me entender na Sociologia ou na Psicanálise, olhando essa janela sem tanta atenção. Sem saber ainda quem sou e a persistente dúvida se um dia eu saberia. Mas buscamos percorrer esse percurso, afinal “O eu e as identidades se formam enquanto se contam os relatos sobre a sua própria vida (tradução nossa)²” (SPARKES; DEVÍS, 2007, p. 4).

Nesse momento a seguir, busco fazer um percurso histórico sobre alguns conceitos de sujeito e como ele foi se alterando ao longo do tempo; partindo mesmo do início onde ‘nem sujeito éramos’ até o início de sua conceptualização. Por fim, adentraremos no que iremos denominar de ‘sujeito-imagem’ para que possamos prosseguir.

1.1. Apontamentos sobre o conceito de Sujeito

É costumeiro, ao procurar por um ponto de partida para a modernidade e o ‘sujeito moderno’, referenciar o ‘pai da filosofia moderna’, René Descartes, como aquele que ajudou na criação formal do sujeito do modo com que o entendemos hoje. O filósofo se via aflito pela dúvida, pois a “nova ciência” que o influenciava cada vez mais, deslocava Deus da centralidade do Universo. Procurando amenizar as leis que puniam os blasfemadores e seguindo com a coerência que tecia sua época, Descartes postulou Deus como criador de todas as coisas. Pode-se entender essa divindade como um grande engenheiro que calculou tudo o que viria a existir (HALL, 2014).

Da tensão entre a “nova ciência” e Deus, Descartes nos mostra uma tentativa de entender o mundo através de uma redução de elementos irreduzíveis a serem

² “el yo y las identidades se forman mientras se cuentan los relatos sobre las propias vidas”.

analisados. Há, segundo o mesmo, duas substâncias – uma espacial e outra pensante. Na concepção pensante, a frase clássica “*Cogito, ergo sum*”, viria nascer. “Penso, logo sou”. Como melhor posto no exemplo escolhido por Stuart Hall, “por um lado, o sujeito é “indivisível” - uma entidade que é unificada no seu próprio interior e não pode ser dividida além disso; por outro lado, é também uma entidade que é “singular, distintiva, única””. (WILLIAMS *apud* HALL, 2014, p. 18). Não apenas o sujeito cartesiano se configura nessa linha, como também, significa um sujeito racional, consciente e no centro do saber.

Tem-se até então a ideia de um indivíduo³ soberano de si mesmo, cujas ações este está plenamente ciente. Ele é quem ele é. Sua identidade era constante ao longo de sua vida e isso inferia a ele seu entender de quem ele era. Você é por que você já foi. Contudo, esse sujeito⁴ que é senhor de si mesmo e plenamente consciente viria a sofrer dois ataques. O primeiro seria o da Sociologia, o segundo da Psicanálise.

1.2. Sujeito e a sociologia

Na sociologia, segundo a linha do sujeito cartesiano, a política econômica tomaria um curso que iria se utilizar do conceito de *Homo Economicus*. Assim como a descrição apresentada pelos professores Flávio Rabello Versiani e Andrea Fellipe Cabello na apostila de Introdução a Economia do Curso de Economia da Universidade de Brasília (UnB):

[...]se refere à forma como a teoria econômica estiliza o comportamento dos agentes econômicos (ou seja, de quem produz, vende, compra, consome – indivíduos, organizações, empresas produtivas). A hipótese básica adotada é a de que esses agentes tem o que se pode chamar de comportamento maximizador; suas ações são, em essência, determinadas pela busca de uma maximização do ganho: maior lucro, maior renda, maior quantidade de bens para consumo, maior satisfação derivada desse consumo, etc., com o menor custo possível;[...]Todos buscam maximizar seus ganhos – levadas em conta, naturalmente, as restrições dadas pelos recursos disponíveis, pelas oportunidades abertas a esses agentes, e pelas informações de que estes dispõem com relação a tais oportunidade (VERSIANI; CABELLO, 2017, p. 5).

³O termo sujeito foi ali empregado para se referir a como a questão do sujeito era compreendida à época.

⁴O termo sujeito volta a aparecer quando eu falo enquanto autora. Os momentos que a escrita desvelar essas pessoas por outro nome é senão uma tentativa de alinhar o que escrevo com a forma que julgo seria compreendida à época.

Este conceito, embora ainda hoje utilizado pelos teóricos econômicos, é considerado falho pelos próprios estudiosos. A utilização de seu conceito na atualidade é uma tentativa de pôr em um espectro de exatidão as oscilações econômicas e humanas. Algumas linhas adiante, na mesma apostila, os próprios autores escrevem:

Outros sustentam que seria inviável supor que os indivíduos (ou, em geral, os agentes econômicos) se comportassem sempre de acordo com uma racionalidade econômica, quando se reconhece que muitos fazem uma série de coisas irracionais. Por exemplo: jogar na loteria pode ser visto como algo economicamente irracional,[...] (VERSIANI.; CABELLO, 2017, p.5).

Na mesma linha de política e economia, Karl Marx viria para auxiliar na crítica à racionalidade pura. Utilizando-se do materialismo histórico como forma de ver a sociedade, Karl Marx trará para a mesa não um indivíduo-sujeito econômico – um sujeito racional que visa a maximização de seus lucros através de suas possibilidades – mas sim um sujeito que é imbuído em sua história. Sua nação, sua família, seu posto social e sua classe econômica – todos são fatores para que o sujeito seja quem ele é (HALL, 2014, p. 22).

No século XX, os novos leitores de Marx passaram a entender o sujeito marxiano em uma visão mais ampla do que a de que os sujeitos estavam “acorrentados” a suas classes sociais, como originalmente era a leitura aceita.

“Homens [sic] fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas”. Seus novos intérpretes leram isso no sentido de que os indivíduos não poderiam de nenhuma forma ser os “autores” ou os agentes da história, uma vez que eles podiam agir apenas com base em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram, utilizando os recursos (materiais e culturais) que lhes foram fornecidos por gerações anteriores (HALL. 2014, p. 22).

Em outras palavras, os sujeitos são formados das mais variadas maneiras de acordo com as participações sociais que incorrem. Ao mesmo tempo, pelo modo com que as estruturas de poder o submetem a ser, esses sujeitos alteram o papel que exercem para com os outros de acordo com o que essa estrutura de poder lhe ordenam.

Até esse período, aquilo que viríamos a entender como sujeito se modificou amplamente e foi criticado em diversas áreas. Ocorreu, nos últimos períodos da

construção desse entendimento do sujeito que vinhamos traçando, um deslocamento do sujeito da razão – centrado em si mesmo como ponto de referência, saber e virtude, enfim, um ‘homem iluminista’ - para o sujeito que era alvo da sociedade. Uma coisa, contudo, permaneceu: a dúvida sobre quem se é. Se antes o sujeito era dividido em sua substância pensante (alma, por exemplo) ou sua substância espacial (matéria, corpo e carne) – agora o sujeito é dividido entre individualidade/indivíduo e sociedade. Essa é uma dualidade de complementos. Carne e mente se completam e ajudam a formar o que nós entendemos como humano. Vários indivíduos⁵ são o que constituem a sociedade. A substância que conecta as dualidades do que constituem o sujeito vão ficando mais complexas à medida que novas buscas por entender o homem vem surgindo.

1.3. Sujeito e a psicanálise

O próximo golpe a que nosso entendimento de sujeito terá de lidar é com o surgimento da Psicanálise. Aqui, vem para o público leigo e científico a questão do Inconsciente. Embora Freud não venha a se aprofundar por demais na questão do sujeito, Lacan (1964), um pós-freudiano, viria elaborar essa premissa. Adentrando nos conceitos deixados por Freud e rejeitando/aceitando/modificando alguns conceitos, viria a realizar novas constituintes. Uma delas seria a de que o Inconsciente é estruturado como uma linguagem. Luciano Elia (2004, p. 36), explica de forma sucinta essa sentença:

[...]o campo primordial da experiência psicanalítica do sujeito, o estruturam como sistema quer de representações (*Vorstellungen*), de traços de memória (*Erinnerzeichen*), de signos de percepção (*Wahrnehmungszeichen*), que se organizam em condensação e deslocamento. Ora, uma teoria como essa exige, metodologicamente, a referência a uma ordem simbólica, a um sistema de articulação de elementos materiais simbólicos, ou seja, a linguagem.

Agora, no âmbito da linguagem, uma nova dualidade – embora dotada de mais complexidades. O significante, ou a parte ‘material’ de nossa fala (significante são os sons, grunhidos e similares que utilizam de nossa boca e cordas vocais para

⁵ Novamente, utilizo-me da palavra indivíduo para ajudar a dar o tom do que se era pressuposto à época, embora não concorde com a utilização do termo. A utilização do sujeito, quando o uso não incorria na época, é sinal de que sou EU que estou argumentando sobre este ser.

produzir sons. É falar uma palavra e não ter significado a não ser um amontoado de sons); o significado, aquilo que evoca a imagem e/ou compreensão de algo, aquilo que faz com que quando ouvimos o significante, possamos captar alguma mensagem. A soma dos dois [significante + significado] resulta no signo.

Pode-se, em certa medida, atrelar esse entendimento com o sujeito-cartesiano. A dualidade entre a materialidade (significante), o corpo biológico e o que este processa, soma-se ao campo simbólico e muitas vezes não compreendido nem pelo próprio homem (significado), ou, o inconsciente. Novamente, a dualidade parece, embora alterada, ser entre a carne e a alma – a biologia cerebral e o inconsciente. Dizer que a configuração inconsciente é um signo é um modo de tentar elucidar de modo mais claro conceitos difusos e dar um tom de rigor científico a uma recorrência, onde

O inconsciente freudiano exige, portanto, um suporte metodológico que o situe, no plano conceitual, em relação a dois estatutos: ele deve ser *material* (a psicanálise é um saber materialista) e, ao mesmo tempo, *simbólico* (a psicanálise não é uma biopsicologia) (ELIA, 2004, p.38).

As estruturas [o Inconsciente e a linguagem] se utilizam da mesma base. Em ambos um sujeito sofre ou realiza uma ação (a vivência, a vida social, familiar, as decisões que toma, as coisas que lhe são acometidas). Ou seja, há também um resquício do sujeito marxiano. Os sujeitos sofrem ações da sociedade e isso faz com que reajam de certo modo; ao mesmo tempo que cada ação dos indivíduos, quando feito por diversas pessoas, é que forma as ações da sociedade. Uma interação que necessita do Outro para continuar existindo.

Embora todas essas questões tenham sido colocadas, tem-se no imaginário popular um sujeito que é completo e fechado em si. “Fulano é assim mesmo.”, “É o jeito dele”, “Pau que nasce torto nunca se endireita”, “Filho de peixe, peixinho é”⁶. Contudo, como sermos uma entidade inteira quando há tanto de nós que ou não conhecemos ou não conseguimos admitir? Qual dispositivo permite que, apesar de tudo, tenhamos uma sensação de continuidade? A resposta muito provavelmente recai sobre o Outro. Ora, Freud mesmo dirá? “[...]a consciência em geral é um estado altamente fugaz. O que é consciente o é apenas por um momento.” (FREUD, 2017, p. 77). Se fosse pelo nosso exercício da razão e do que ativamente

⁶Estes são ditos populares brasileiros. Informação retirada do domínio <<https://www.todamateria.com.br/proverbios-e-ditados/>>

escolhemos fazer e, nesse processo, selecionamos nossos gostos e vivências, poderia se desdobrar e dizer que você - ou aquilo que você entende por 'você' - é existente apenas por um instante. Potencialmente, você poderia se desdobrar de formas infinitas, fossemos homens da razão pura. O que, então, seria essa unidade que nos junta? A primeira especulação, dependendo do seu credo, é a da alma. Em seguida, diz-se que você é forjado pelo seu meio material-cultural. Na psicanálise, pode haver mais de um desdobramento para essa sensação de continuidade que temos sobre nós mesmos.

Primeiramente, a Psicanálise não excluiu as vivências sociais como forma de ajudar a forjar a identidade. Ela, no entanto, acrescenta algo. Já conceituado em Freud, há a Projeção - Jacques Lacan, contudo, utilizaria desse conceito para uma maior elaboração em outras esferas da análise. Durante o processo de constituição do sujeito, ainda na infância ocorre a "fase de espelhos". Segundo Lacan, é nessa fase que a criança passa a superar a inteligência instrumental de um macaco e pode também reconhecer que a imagem que vê no espelho é ele mesmo. Ainda, segundo Lacan (apud OGILVIE, 1988), essa experiência lúdica remete a relação dos movimentos que são assumidos pela imagem com o seu meio ambiente refletido, relacionando-se com o próprio corpo, as pessoas e os objetos.

Em outras palavras, a criança imita as coisas que vê - sejam pessoas, sejam objetos -, inclusive, passa a imitar a imagem que vê de si mesmo. Claro, a última parte dessa sentença anterior, ocorre através de um processo simbólico. A criança passa a perceber que aquela imagem, aquilo que reflete ela, pode *ser* ela. Imitando as outras coisas, as pessoas e , principalmente os adultos, ela vai percebendo que os outros também tem uma *imagem* de quem ele seja. A *imagem*, aquele reflexo, também é ela. Logo, ela vai se constituindo a partir da visão dos Outros. A visão que os Outros têm, somando a história (embora essa fase ocorra na tenra infância) que viveu, fazem com que o sujeito se entenda como inteiro. Esse passado e esse espelho fazem com que a sua existência seja mais do que um momento efêmero, nos permite não vivermos em incertezas e a beira do colapso constantemente.

[...]ele vivência sua própria identidade como se ela estivesse reunida e "resolvida", ou unificada, como resultado da fantasia de si mesmo como uma "pessoa" unificada que ela formou na fase do espelho. Essa, de acordo com esse tipo de pensamento psicanalítico, é a origem contraditória da "identidade".[...]Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na

consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2014, p.24).

O sujeito como o compreendemos, vem se configurando de diversas formas ao longo do tempo. Procurei pontuar as passagens mais significativas desses entendimentos - plenamente ciente, contudo, de que essas observações sobre os sujeitos e suas constituições não se enquadram em um consenso.

1.4. Sujeito e a Imagem

A imagem, fazendo parte do cotidiano do sujeito, acaba por ser indissociável de quem se é. Difícil seria dizer sobre algo que te acompanha eternamente e não lhe influenciar. “[...]os gregos já haviam notado que em *Oidipous*, temos a palavra *oida* que significa ao mesmo tempo ter visto e saber” (FOUCAULT, 2002, p. 41). Nesse aspecto, podemos considerar, por exemplo, que no campo aprendemos a ver quando uma plantação está pronta ao olhar e perceber que a mesma já pode ser colhida. Também podemos ver, mesmo que subjetivamente, a tristeza na fisionomia de uma pessoa que está calada. Desse modo, nossos saberes não institucionais, aqueles que são vivenciados pelos processos autoformativos, também se configuram na esfera do saber. Por ventura, como no caso da visão, revela-nos um saber que faz parte de nossa história como humanidade.

Na Parada abaixo, falo um pouco sobre a questão da imagem na academia. O que é a imagem é fundamental para o entendimento do que compõe minhas narrativas de vida. Esclareço que, entre essas questões com a Imagem, destacam-se os desenhos que assisti. Assim como vejo a vida passando dentro do ônibus, posso assistir diversos desenhos e ver uma projeção de mim. Entender a vida no reflexo das imagens. Histórias que contam a saga de superação, sobre a beleza de lutar por um objetivo – algumas coisas não conseguimos enxergar de nós senão na imagem que o espelho nos permite ver. Nosso próprio rosto é um não-visto que somente nos encontramos com ele no momento que nos analisamos frente um reflexo. Ali, nesses reflexos é onde poderemos nos encontrar e entendermo-nos como nós mesmos. Como Lacan (1949, p. 1) mesmo virá a falar: “Basta entender o estágio do espelho como uma identificação no sentido pleno que a análise atribui a esse termo: a transformação produzida no sujeito, quando ele assume uma imagem

[...]. (Tradução nossa) ”⁷. Assumir o que se vê de você, enfim. Afinal será esse se ver no espelho (literal ou não) que se formará a

instância do eu, mesmo antes de sua determinação social em uma linha de ficção para sempre irreduzível para o único indivíduo, - ou melhor, que alcançará apenas assintoticamente o devir do sujeito, qualquer que seja o sucesso das sínteses dialéticas pelo que deve resolver ainda enquanto Eu em discordância com sua própria realidade (tradução nossa)⁸ (LACAN, 1949, p. 2).

Nesse sentido a afirmação em que falo da instância do Eu como forma de pensar, reforça o argumento que venho apresentando sobre a questão da importância da imagem na formação do sujeito.

.Parada Narrativa 2

“Lembro ainda da ‘tradição’ que criei para mim após minhas aulas. Quando eu era pequena minha mãe costumava me buscar na escola depois das aulas. Chegando em casa, falava com minha vó e pegava algo para comer - sempre muito atenta ao relógio, pois não poderia perder o horário que o desenho começaria. A televisão era pequena e no canto superior do quarto da minha mãe, lembro bem. Sem falta eu ligava a televisão às 19h ou 18h30 (não consigo me recordar) e ia assistir Cavaleiros do Zodíaco. Era meu desenho favorito.

Como comentado por Lacan brevemente acima, o poder com que essas imagens que me refletiam através desses personagens Outros me permitiam ver, enxergar minhas batalhas infantis e nesse fantasiar me encontrar. Sentir a tristeza e entender essa emoção; raiva; saudade e assim por diante. E tanto olhando o reflexo, acabei por me perceber neles e também receber deles quem eu poderia ser. Como um narciso que se afogou olhando seu reflexo. Diferentemente dele, acabei por achar que sabia respirar sob a água e me convencer que ali eu poderia viver.

Ficava sentada, às vezes esquecia até mesmo de comer, pondo-me a assistir um desenho depois do outro até começar o noticiário, onde o assistia com minha mãe de forma aérea, às vezes desenhando os personagens dos desenhos ou mesmo pensando em histórias hipotéticas cujos personagens realizavam alguma ação que criei ou participavam junto a mim de alguma brincadeira mental.

Vendo alguns de meus desenhos minha mãe chegou a pensar que eu os copiava em cima da televisão ou revistas de desenhos animados, tanto que eles se assemelhavam e lhe parecia estranho uma criança os conseguir desenhar. Para mim sempre fez muito sentido - eles eram parte das coisas que eu almejava ser, parte de como entendia os outros e em parte em como entendia a mim mesma através de suas desventuras. Visualizar eles frente a mim era senão uma extensão da minha imaginação em plano físico.”

⁷ “Il y suffit de comprendre le stade du miroir *comme une identification* au sens plein que l'analyse donne à ce terme : à savoir la transformation produite chez le sujet, quand il assume une image[...]”.

⁸ Cette forme situe l'instance du moi, dès avant sa détermination sociale, dans une ligne de fiction, à jamais irréductible pour le seul individu, - ou plutôt, qui ne rejoindra qu'asymptotiquement le devenir du sujet, quel que soit le succès des synthèses dialectiques par quoi il doit résoudre en tant que je sa discordance d'avec sa propre réalité.



Figura 1 - Personagem de Cavaleiros do Zodíaco desenhado por mim durante minha infância. Provavelmente peguei a história em quadrinho em que ele aparecia e fiquei tentando replicar. Acervo Pessoal.

O desenho acima é bem antigo, nem ao menos lembro da última vez que desenhei esse personagem. Além de ser uma ilustração de meu desenho favorito de infância. Assim, creio que ele seja uma ótima analogia ao fato do quanto eu tentava ser igual esses desenhos. Sem personalidade, sem entender como esse desenho é construído. Um 'reflexo' do desenho original era meu objetivo.

“É que narciso acha feio o que não é espelho” (VELOSO, 1978).

Narciso⁹ é aquele que se apaixonou por sua imagem e se afogou em seu próprio reflexo. Lacan (1949) também comenta sobre a necessidade da criança se olhar ante um espelho para se entender como sujeito. O espelho, uma superfície refratora que te permite ver a si mesmo. Situações, pessoas, objetos por vezes também exercem uma função de espelho, onde nesse Outro você pode ver seu reflexo. E como Narciso, apreciar seu reflexo, pois o resto é feiura.

Nessa tradição que me criei, acentuada no trecho narrativo acima e demonstrado na figura 1, não havia outros interesses senão o meu reflexo. Minha reflexão, ou seja, o que eu via que deveria imitar enquanto entendimento de dor, alegria e como proceder para com as adversidades da vida. As cores que brilhavam e as vitórias heroicas desses desenhos embelezavam meu reflexo. Levando-me, assim, a submergir sempre mais em mim – a olhar sempre o reflexo, querer ser o reflexo. Talvez, sucumbir a ele.

Não vejo saída para saber que Sujeito sou e/ou fui sem saber o que são as imagens. O que eu via, o que eu sentia – tudo pode ser percebido pelo meu eu do futuro através de quais Imagens me atraíam. Assim, uma busca para o esclarecimento do que essas imagens representam se faz necessário.

1.4.1. Imagem

A imagem é um componente visual que pode ser compreendido dentro de diversas formas. Dentre as diversas modalidades de compreensão, início essa jornada com o uso da imagem como narrativa. Parto do princípio de que “a imagem dá origem a uma história, que, por sua vez, dá origem a uma imagem.” (MANGUEL, 2001, p. 24). Seu uso me é particularmente atraente quando a pesquisa se refere a desenhos animados, onde uma certa coerência de história (ao menos durante o decorrer de um episódio) ocorre.

O desenho animado parece um passo temporal-tecnológico posterior ao quadrinho, onde as ações dos personagens geram consequências e implicam alguma forma de linha temporal. Isso pode ser traçado desde a Idade Média.

⁹ Utilizo o mito que caiu no imaginário comum, mais do que alguma história específica. Também disponível caso não tenha conhecimento prévio dele em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/o-mito-de-narciso>>

Formalmente, as narrativas existem no tempo, e as imagens, no espaço. Durante a Idade Média, um único painel pintado poderia representar uma sequência narrativa, incorporando o fluxo do tempo nos limites de um quadro espacial, como ocorre nas modernas histórias em quadrinhos, com o mesmo personagem aparecendo várias vezes em uma paisagem unificadora, à medida que ele avança pelo enredo da pintura (MANGUEL, 2001, p. 25).

As animações modernas usam várias imagens por segundo, criando assim a impressão de movimento. Desta forma, uma única imagem situa o espaço e sua repetida sucessão [várias imagens uma após a outra] cria a noção de tempo. Ações distintas ocorrem em cada quadro que, quando juntas, graças aos objetos, atores e cenários, criam a ilusão de linearidade/naturalismo temporal.

Com as novas tecnologias e o estudo da ótica, podemos agora desfrutar dessa sequência temporal de uma forma que iluda nossos olhos a ver movimentos fluidos, acompanhados de sons. Uma tentativa de aproximação de *mímese*, em certo grau. Em *A República*, os artistas são tidos como desnecessários na cidade utópica que planejam (embora ao longo do livro essa questão apresente incongruências), pois eles são os imitadores dos artífices. (PLATÃO, 2004, capítulo X, 597a -e). Na filosofia Socrática, há um mundo ideal, onde tudo que existe e que podemos perceber, deriva-se dali [desse plano ideal]. Nosso mundo está a um ponto de distância desse plano onde o ideal reina. Um banco em 'nosso mundo' é senão uma versão com erros do banco perfeito que existe no mundo das ideias. Assim se sucede com todas as coisas materiais. O artista, contudo, vai além, ao menos segundo Sócrates:

[...]se quiseres pegar num espelho e andar com ele por todo o lado. Em breve criarás o sol e os astros no céu, em breve a terra, em breve a ti mesmo e aos demais seres animados, os utensílios, as plantas e tudo quanto há pouco se referiu (PLATÃO, 2004, capítulo X, 596 -e).

Ou seja, ele coloca um elo entre pintar, esculpir e ademais modalidades da arte como cópia do que vemos no mundo. São coisas que existem, mas são senão imagens do que já há. Não há bons olhos para a repetição, é como se, estando dois pontos além do mundo ideal, ele [a arte] apresentará defeitos por cima dos defeitos que já existem no mundo material.

Embora a questão da imagem tenha sido preterida, ela é quem reina sobre o nosso sentido da Visão. Os próprios gregos tinham questões importantes para com

a visão¹⁰. Não à toa Édipo [personagem da clássica obra de Sófocles, Édipo Rei] não morre na hora de se redimir, mas se cega. Priva-se de seus postulados e saberes posteriores, aos quais o levaram somente a suas perdições.

Em dizeres populares, podemos ver expressões ocularcêntricas sendo usadas: “Você precisa enxergar a verdade”, “Em terra de cego quem tem olho é rei” e similares. Há uma tendência de entender aquilo que podemos enxergar como a realidade. Porque então retratar a realidade teria de ser compreendido como algo inferior, algo a ser banido de uma utopia? Talvez por medo do que pode ser refletido.

.Parada Narrativa 3

“Ao me permitir falar das realidades, vem à mente a realidade de profunda irrealidade (ou absurdo) que é uma grande marca de diversos desenhos animados. Animais falantes que agem igual a nós, humanos; personagens que desafiam as leis da física e similares irrealidades.

Enquanto criança, e mesmo hoje, essas questões não me incomodam. Fazem parte da brincadeira da trama para acrescentar valor cômico a algo que seria banal; ou complementam uma poética, uma metáfora; adicionam vida a coisas corriqueiras através do cotidiano. Suas irrealidades se assimilavam junto de mim. Não querendo dizer que eu as entendia como verdades pertencentes ao meu mundo, mas querendo dizer que eu sempre as entendi como subjetividades inerentes ao mundo desses personagens. Alguns passos iniciais no entendimento da subjetividade alheia, no sentindo de mesmo em algo que não fala diretamente sobre meu colega, insinua-me que ‘cada quem possui uma realidade, cujas regras nem sempre se encontram de acordo com as que te mantém vivo/bem’. Aceitar o diferente, mais do que questionar.

As realidades fantasiosas, contudo, podiam falar comigo mais do que as literalidades da vida. Como o próprio Cavaleiros do Zodíaco que mencionei na parada narrativa anterior. Enxergar a beleza de lutar pelo que se acredita, disfarçado em uma história com poderes sobrenaturais, fala muito mais do que alguém que lhe fala isso – no ato de falar, a pessoa pode até mesmo acabar por massacrar o belo da mensagem, deixando apenas uma tentativa de esperança, mais do que deixando um aprendizado.”

Quando fazemos uma criação, ela falará sobre nós – dirá ao espectador tanto o que queremos que ela diga quanto o que não queremos. Como espectadores, vemos do artista aquilo que temos a capacidade de ver quanto aquilo que vemos em nós (sejam nossos preconceitos, vontades, desejos, interpretações de sinais para a vida pessoal, etc). “Todo retrato é, em certo sentido, um autorretrato que reflete o espectador. Como ‘o olho não se contenta em ver’, atribuímos a um retrato as nossas percepções e a nossa experiência. Na alquimia do ato criativo, todo retrato é

¹⁰ “[...]os gregos já haviam notado que em *Oidipous*, temos a palavra *oida* que significa ao mesmo tempo ter visto e saber (FOUCAULT, 2002, p. 41), anteriormente citado no texto.

um espelho” (MANGUEL, 2001, p. 177).

A questão de nos vermos refletidos em algo e/ou alguém é constante. Quando, por exemplo, pensamos no Deus cristão, pensamos em nós como uma reflexão dele feita em barro. Somos feitos à imagem de Deus. Ou seja, aquela face que

[...]vemos no espelho pode ser a de nosso eu, aquele que deve ser apresentado a Deus, pois toda face humana é o autorretrato de Deus: é também um retrato do eu desejoso, o duplo, o proibido, o eu desejado ou imaginado à procura de conhecer a própria identidade (MANGUEL, 2001, p. 186).

Enquanto artista, nossa criação tanto é ela em si (produto da subjetividade humana) quanto ela é nosso reflexo (toda face humana é autorretrato desse Deus criador). Enquanto espectador tem-se de lidar não com o que colocamos sobre nós mesmos na obra, mas com aquilo que o Outro fala e como isso ressoa para si. Talvez uma imagem tenha tantas interpretações e sentidos, dentre tantos motivos, por potencialmente poder falar sobre nós mesmos. Uma vez que o objeto visto será analisado sobre nossa ótica e, assim, nos dá a possibilidade de nos colocarmos em um local de analisado, independente de se o objeto deveria ter esse papel de analista ou não.

A imagem já vagueou por alguns pontos até aqui. É algo que situa em um espaço e tempo, quando usada em sua formalidade; é uma tentativa de imitação da realidade e é um espelho de todos os envolvidos em sua produção e observação.

Nesse ponto de compreensão que busco enquanto sujeito, enquanto reflexo de algo (afinal eu não inventava meus heróis para os desenhar – eu os copiava) comecei a cindir essa questão. O reflexo ainda me era importante, mas eu não buscava ser ele. Apreciava ver – esse contentamento calmo olhando a janela do ônibus passando por antigos ou por novos caminhos – mas não queria Ser esses desenhos que eu via, não queria ser apenas reflexo.

Nesse sentido, trago abaixo uma outra parada para pensar nessa mudança dessas minha ‘Estádia de Espelho’ para um ponto em que a imagem é reflexo que acalenta, não o Eu em si. Vem-se isso somado ao início de minha pré-adolescência. Não queria inspiração (apesar de que o desenho que via também me inspirava), mas a habilidade de me acalmar ao ver que Outros tem jornadas em paralelo para comigo. Jornadas de dor, superação, luto e superações pessoais. Era buscar

compreender o que era incompreensível visto por mim mesma sem cair nas águas desse rio.

Nessa perspectiva, Naruto entra em minha vida como uma metáfora de 'quebra' para com meu antigo eu. Novas crenças, novas angustias e novos gostos visuais. Esse desenho me deu novas ferramentas para enxergar como cresci e para me entender nesse Sujeito que vem se construindo.

Falarei um pouco mais do assunto abaixo, onde comentarei quem e o que é 'Naruto'; sua importância para mim para sair de um lugar de 'apenas reflexo' para poder começar a pensar em minhas transformações pessoais que necessitavam de algum lugar em que eu pudesse me ver, mas ainda houvesse uma fronteira entre o 'reflexo dos desenhos' e Eu.

.Parada Narrativa 4

“No início de minha adolescência e o início de um uso de internet mais regular (em pouco tempo minha mãe passou a poder comprar uma internet que respondia ao que eu achava ser um tempo quase instantâneo e agora podíamos usar a internet e o telefone ao mesmo tempo - o que permitia que minha mãe pudesse continuar a trabalhar mesmo que eu usasse o computador) descobri como assistir alguns desenhos na internet e que, em alguns sites, algumas pessoas estavam dispostas a legendar desenhos estrangeiros de graça e compartilhar na internet - algo que abriu meu leque de opções de forma monstruosa e me iniciou em um processo em que eu não mais compartilhava dos mesmos heróis e símbolos que todos meus colegas de sala, mas algo que eu deveria descobrir quem gostava do que.

Tinha eu mesma quebrado minha tradição de pontualidade para com a televisão e entrava em uma jornada de usar o tempo que eu quisesse para assistir o que eu quisesse. Para mim, uma novidade imensa acompanhada de um certo sentimento de controle. Nessa jornada, deparei-me com 'Naruto - As crônicas do furacão'.

Nesse desenho, acompanhamos a história do protagonista chamado Naruto, um orfão que busca de ser um ninja que possa governar toda a vila onde nasceu. O problema era que além de ser muito ruim em tudo o que é preciso para ser considerado um ninja decente (sempre não fazendo os deveres de casa, tendo notas baixas, não conseguindo fazer coisas básicas), as pessoas em geral o detestavam e menosprezavam. Seu único trunfo era que por mais que tudo estivesse ruim ele jamais se permitia desistir - e graças ao quão genuíno e determinado era, fez com que diversas pessoas o respeitassem, pois sempre era bondoso e evoluía no que se propunha a fazer.

Mudando para uma nova escola e começando a falhar na escola, senti-me acolhida pela jornada de Naruto. Encontrava ali uma inspiração e certo alívio catártico. Vale ressaltar que na história, o protagonista teve selado/aprisionado dentro de si um demônio, a Raposa de Nove Caudas. Os habitantes da vila achavam que ele era uma abominação e deveria se manter longe das outras crianças para a segurança de todos, pois ele poderia se descontrolar a qualquer

instante. Ele era diferente demais. Nesse mesmo tempo, começava a explorar a minha sexualidade e via nesse ponto outra âncora de apoio. Alguém que era diferente e que era discriminado por algo que as pessoas não podiam nem ao menos ver, mas sabiam ser diferente e anormal.”



Figura 2 - Naruto – As crônicas do furacão; Naruto Shippuden, continuação de Naruto. Ambos compõe um anime que virou febre internacional entre crianças e adolescentes. Iniciou sua estreia em 3 de Outubro de 2002 e teve seu último episódio em 23 de março de 2017 – tendo um total de 15 anos de duração. Imagem retirada de <<http://otakunewspower.blogspot.com/2014/11/el-anime-de-naruto-tendra-un-especial.html>>

Acima, uma imagem que ilustra todos os personagens que haviam aparecido até então na série Naruto. O personagem em primeiro plano, Loiro e vestido de Laranja é o protagonista. Creio de bom tom utilizar uma imagem para que se tenha um melhor entendimento sobre sua estética e também pelo fato de que voltarei a comentar dessa história em quadrinhos/desenho.

Além, a imagem me traz uma questão interessante ao posicionamento dos personagens na ilustração (embora nem todas sejam pertinentes nesse trabalho). Por exemplo, no fundo da imagem, podemos ver o personagem chamado Iruka – atrás de todo mundo e trajando verde. Esse personagem é o mentor e professor de Naruto. Nessa posição, embora ele não esteja em primeiro plano (ele também não é uma figura tão importante em relação aos outros) ele observa todos os personagens, a maioria dos quais ele já lhes foi professor. Nesse momento, contudo, ele dá o protagonismo ao nosso herói, que por tanto tempo se sentiu excluído.

2. Parada Central

Na Parada Central o ônibus está no meio do caminho até o destino final. A gente já se acostumou um pouco com a paisagem, mas sempre tem algo novo que chama um pouco a atenção. Percebemos que já estamos muito distantes de casa e da Parada próxima de lá. Os tipos de edifícios começam a ficar um pouco diferentes, mas ainda é a mesma coisa que antes: uma paisagem em constante movimento. Contudo, mesmo distantes de casa, não temos nem em vista o local ao qual planejamos chegar. Ainda há muito por vir.

Como elucidado na *Parada Narrativa 4*, minhas notas caíam a medida em que eu mergulhava mais nos desenhos. Nessa fase de minha pré-adolescência eu fiquei particularmente atraída pelo desenho do Naruto e me via replicando seus valores na vida real. Não apenas eu, mas outros também.

Para uma melhor apreensão do que pretendo apontar nesse cenário em movimento, gostaria de dispor do que se trata o inconsciente de mesma forma com que Freud o fez: alegando a não necessidade de sua definição, pois ela é a mesma que se encontra no senso popular e na boca dos filósofos (FREUD, 2017, p. 77).

Retomando, utilizarei a concepção do Inconsciente para falar de como eu concebia a raposa de nove caudas que estava ‘presa’ dentro de Naruto. Vejo ela se tratando de uma representação do Inconsciente. Afinal, esse monstro que o habitava via tudo o que ele via. Apontava suas falhas e suas fraquezas e sempre buscava escapar para o lado Externo; por vezes, ela tomava controle do protagonista. Apenas quando Naruto aceitou que vivia com ela; passou a conversar consigo/com ela e fez as pazes e aceitou seu destino que pôde ver o poder que ele possuía em junção a ela. Assim, sem vergonha de mostrar ao mundo a raposa que se fundia a ele no mundo Externo, ele pode mostrar seu poder em ser o verdadeiro Ele, ser quem ele é sem se esconder.

Minha adolescência girou em torno desse herói e sua busca de crescer e ser Ele. Enquanto a animação de Naruto acabou em 2017, seu mangá (quadrinho japonês ao qual deu origem ao desenho de Naruto) acabou em 2014 – período em que eu acabava o Ensino Médio e me preparava para uma nova fase de minha vida. Assim, posso dizer que esse desenho e quadrinho me acompanhou por toda minha adolescência de forma bastante literal e por isso o escolhi como objeto dessa Parada Central.



Figura 3 - Naruto que eu desenhei no ensino médio, encontrado avulso em um caderno. Acervo Pessoal.

Na imagem acima, percebo como fui alterando meus desenhos que antes eram senão simples replicas do que eu vi (meus espelhos) para algo que ainda é reflexo, *busca* de se ver refletida, mas que encontra personalidade e passa a se distinguir do desenho original (embora ainda fale sobre o desenho, não me é original – começa a se formar uma questão de não imitar traço a traço a imagem tal qual ela era). Uma metáfora de como antes eu me via no que eu encontrava de mim dentro dos desenhos para a minha adolescência – onde eu me via buscando quem sou e procurava apoio nessas imagens, mais do que um invólucro vazio que é apenas reflexo.

2.1. A dimensão do aprender em artes visuais

Embora Naruto não tenha sido de utilidade no âmbito escolar ao qual eu frequentava, vejo-me dificultada em dizer que com ele eu não aprendi. Assim como Antônio Lucas Alves, no seu estudo de Conclusão de Curso em Licenciatura em Artes Visuais, observo que

Resgatar essas memórias que perfazem a minha história de vida através da imagem ajuda a obter uma compreensão singular de uma realidade (ou de realidades), aproximando-me do sentir e experienciar subjetivo que inclui-se nos saberes pretendidos e evidenciados pela arte (ALVES, 2018, p. 20).

Esse resgate de memórias que me permite analisar minha trajetória autoformativa através desses desenhos. Auxilia-me a entender a minha realidade atual e a de meu passado. Tudo isso corrobora para um melhor entendimento de mim e meus saberes. As formas narrativas, meu copiar esses desenhos e buscar entender o que chama a atenção quando vemos um frame (Composição); entender porquê suas cores são tão cativantes (Teoria das Cores); como o desenhista conseguia replicar os personagens da mesma forma ao longo do desenho/quadrinho – tudo isso diz respeito a configurações de um estudo formal das artes que eu pude alcançar não através de minha escola, mas de meus interesses e as histórias que pude ver. Como Alves irá também comentar: “Essa reconstituição dos fatos vividos permite uma atitude reflexiva sobre os elementos constitutivos da própria formação” (ALVES, 2018, p. 21). De fato, foi entrando na Universidade e percebendo que eu já possuía uma compreensão de alguns elementos formais que pude entender a importância desse desenho em minha trajetória autoformativa - onde meus não-saberes esbarravam nos saberes e na perspectiva de um vir-a-saber. Toda essa desordem acabou ensinando-me mais do que a escola pôde me dar na época. Ousaria dizer que Naruto e outras imagens foram meus primeiros professores de desenho.

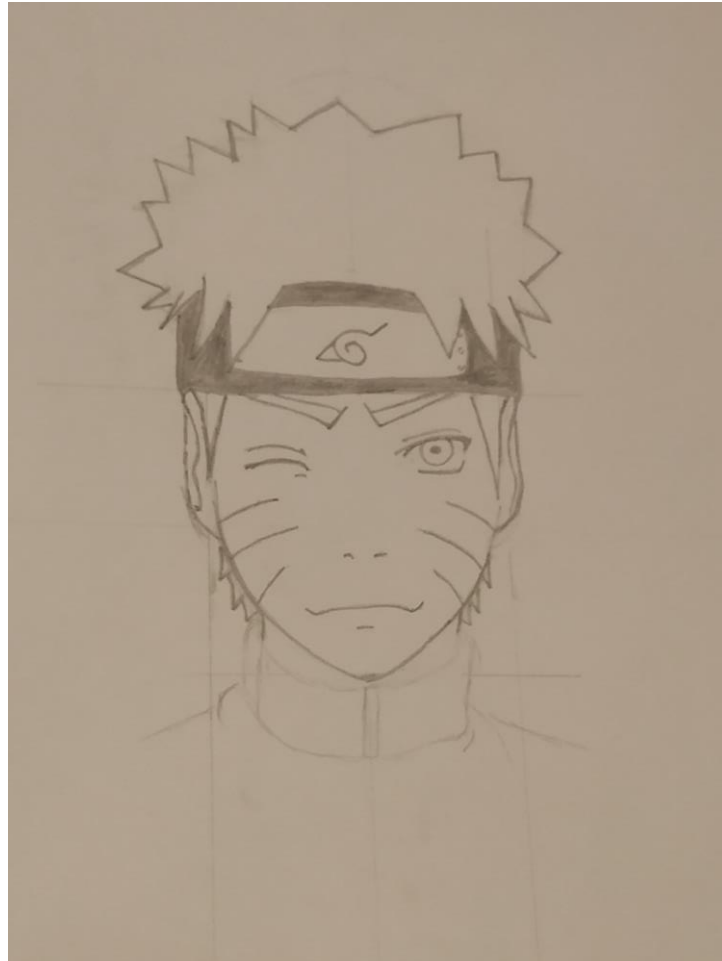


Figura 4 - Esqueleto de 'como desenhar o Naruto' que eu devo ter achado na internet ou alguma revista. Desenho da época que comecei a me importar em entender como os desenhos que eu tanto gostava eram construídos. Acervo Pessoal.

Na imagem acima, realizada por volta do início de minha adolescência, posso perceber essa questão de tentar entender o desenho. Não mais meramente replicar o que vejo, mas pensar em como esse desenho chegou a ser o que ele é. Contudo, ainda me parece evidente a jornada que irei percorrer que apenas essa resolução que ainda tenta se encaixar demasiadamente com o original não pode falar por mim. Mesmo assim, nesse caminho de ainda não saber é que pude descobrir novos conhecimentos e os incorporar a mim. Mesmo 'apenas um desenho' ele fala sobre meu crescimento enquanto Sujeito. Sobre como embora em mesmas questões de 'tentar' imitar, começa assim a haver um intuito de 'criar' e não literalmente copiar a imagem.

3.2. Professor-aluno: uma relação de afetividades

Realizei algumas entrevistas na disciplina de Elementos da Linguagem e da Cultura Popular no segundo período de 2016 para meu trabalho final da disciplina. Um dos entrevistados também citou Naruto como desenho que detinha mais questões afetivas. Clara¹¹ se sentiu especialmente acolhida pela jornada do protagonista. Durante sua pré-adolescência, sofrera bullying severo e foi excluída das interações com seus colegas. Naruto foi uma grande fonte de esperança para ela, mesmo atualmente, onde ainda vê o personagem com grande carinho. Ele a ajudou a desenvolver amor próprio, dedicação e ser livre de rancor - questões que ela ainda vê como positivas e que, em retrospectiva, ajudou a moldar seu caráter. “Foi [meio que] meu professor da vida quando ninguém foi”.

Quando questionada se “Você acha que algum docente poderia usar esse desenho para lhe entender melhor quando adolescente?” respondeu que sim. Remeteu-lhe a questão de um personagem que lecionava para o Naruto - o professor Iruka. Esse era o responsável por Naruto desde criança e, embora severo, sempre lhe tratava bem e jamais o discriminava. Disse que um professor que fosse capaz de perceber as tristezas de seus alunos e se conectar com eles através do desenho seria provavelmente parecido com ele. Iruka foi a primeira figura paterna na vida de Naruto e uma de suas primeiras amizades também. O desenho encerra com uma relação emocionante entre Naruto e seu professor:

¹¹ Nome fictício atribuído pois a mesma não gostaria que seu nome seja utilizado. Faço recortes da entrevista de ‘Clara’ tanto durante a disciplina de Elementos da Linguagem, Arte e Cultura Popular realizada no 2º semestre de 2016 ao qual ela me deu uma entrevista para auxiliar na matéria quanto agora, recentemente, para me auxiliar na elaboração dessa pesquisa.



Figura 5 - Trecho de Naruto Shippuden, último episódio.

Imagem disponível em:

https://pm1.narvii.com/6411/afd0cc9fdd6a64a3181c46f0e9b1a77d0fa79aea_hq.jpg

Uma relação afetiva entre professor-aluno onde uma relação paterna também é desenvolvida. Aqui e no caso que relatarei na Parada Narrativa a seguir, a questão da transferência se faz presente. A transferência é um conceito amplamente utilizado por Freud e

que consiste na atualização de desejos inconscientes originalmente experimentados, nas primeiras relações, geralmente com pais, e outros membros da família. Além disso, a transferência pode estabelecer-se em outros contextos intersubjetivos: a relação professor-aluno – por sua proximidade histórica com as primeiras relações, pela duração do processo de ensino-aprendizagem que vai da infância até a fase adulta e pela função de transmissão do conhecimento de que são investidos a instituição escolar e os educadores (NOGUEIRA *et al.* *apud* ANDRADE, 2013, p. 3).

Naruto, ausente de uma figura paterna em sua vida, realiza uma transferência para com seu professor que o acolheu desde uma tenra idade até a fase adulta, transmitindo-lhe saberes da sala de aula e outros sobre a vida além da sala de aula.

É evidente que essa relação de apreciação e de ensinamentos sobre a vida cairá sobre o professor, visto que ele (e eu) não possuíamos uma figura paterna e transferimos essa responsabilidade de aprendizagem de vida e de saberes para uma figura de um professor. Afinal a questão da transferência é sempre uma reprodução da relação com os pais (FREUD, 2017).

Essa transferência, contudo, não é sempre negativa. É em realidade ambivalente, pois “a relação de transferência ainda traz consigo duas outras vantagens. Se o paciente coloca o analista no lugar do pai (da mãe), também lhe concede o poder que seu supereu exerce sobre seu eu, pois os pais, afinal, foram a origem do supereu” (FREUD, 2017, p.109).

Assim, Naruto (e eu) apreendemos diversos valores compartilhados por nossos professores e nos tornamos mais receptivos para entender essas figuras paternas como guias na vida e portadores de conhecimentos valiosos. “A relação educativa é entendida como relação de amor: a criança deseja aprender pelo seu desejo de ser aceita, recompensada e reconhecida como bom aluno” (NOGUEIRA *et al.*, 2013, p. 4). Similar a um filho que busca a aprovação de seu pai.

.Parada Narrativa 5

“Essa cena de Naruto foi especialmente importante para mim. Ainda criança meus pais se separaram e eu me mudei de Natal do Rio Grande do Norte para Brasília. Meu pai não me acompanhou nem vinha me visitar muito. As mensagens eletrônicas ainda não eram amplamente acessíveis, especialmente para uma criança, e meu pai não era especialmente afeiçoado a atender telefonemas. Ou fazer visitas. Eu apenas o visitava em alguns Natais.

Sentia muita falta desse contato, embora quando eu o visse pudesse haver atrito. Passando o tempo, cheguei a sentir ressentimento dele e de suas esquivas em me ver ou ajudar a me criar tanto financeira quanto emocionalmente.

Nesse mesmo período que o ressentimento crescia, eu tinha também uma aula na escola de literatura - uma das poucas matérias que eu gostava. As histórias dos livros me cativavam e só de pensar que podia ter um significado por trás de cada palavra ou simbologias, analogias, referências, etc. Tudo isso era incrível de se pensar, especialmente pensar que tudo isso poderia estar dentro de algo divertido ou interessante e/ou belo de se ler. Junto com os desenhos, eu devora livros cada vez mais complexos. Tudo isso, claro, enfeitiçada pelas palavras de meu professor de literatura: Pedro.

Gostava de conversar com ele mesmo fora de sala e ele tinha uma das únicas aulas que eu prestava atenção por puro gosto. Suas palavras, reflexões, gostos e trejeitos me eram fascinantes e por vezes eu os desejava ou tentava imitar. Muito tempo mais tarde que vim a perceber a projeção paterna que fiz sobre ele. Por vezes ainda falo com ele e guardo sua pessoa com enorme carinho. Ele acreditava em

mim e na minha capacidade e inteligência. Com ele eu não era a aluna problema. Não titubearia a dizer que ele foi meu professor Iruka.”

A importância da relação afetiva professor-aluno é evidente para mim tanto pela teoria quanto pela prática. Enquanto aluna via uma imagem distorcida do retrato social que me diziam ser ‘um estudante’. Como Albert Manguel mesmo irá dizer: “Como o olho não se contenta em ver, atribuímos a um retrato nossas percepções e a nossa experiência. Na altura do ato criativo, todo retrato é um espelho” (MANGUEL, 2001, p. 173). O ato criativo trata-se comigo, nessa etapa da vida, no enxergar meu lugar nesse ambiente escolar.

A questão afetiva em sala de aula acontece mediante o processo e a forma como o professor interage com a turma, afinal

Em todas as principais decisões de ensino assumidas pelo professor, a afetividade está presente: na escolha dos objetivos de ensino, no ponto de partida do processo de ensino aprendizagem, na organização dos conteúdos, nos processos e atividades de ensino e nos procedimentos de avaliação, constituindo-se como fator fundante das relações que se estabelecem entre os alunos e os conteúdos escolares ou acadêmicos, na mediação com o professor (LEITE e TASSONI, 2006 *apud* VERAS; FERREIRA, 2010, p. 221-222).

No pensar uma aula cujos afetos são tão importantes quanto a matéria, torna-se possível criarmos uma atmosfera de sala de aula propícia para o aprendizado. Os laços que se criam com o professor são de reciprocidade. Você vê que o professor se esforça para lhe dar algo e, você o vendo dentro de uma esfera de afeição, esforça-se para lhe dar um retorno de seus saberes e pensares. Estamos em uma esfera de saber ‘obrigado’ quando inseridos em uma sala de aula no ensino básico, assim sendo tentar estabelecer um ambiente agradável nos dá uma vantagem para que os alunos possam melhor se interessar no que você ministra.

se percebe que para se construir um trabalho mais prazeroso na sala de aula, o professor precisa ouvir, discutir e refletir junto com o aluno a melhor forma de conduzir esse trabalho, uma vez que o processo educativo é essencialmente interativo; e efetivado por meio das relações entre professor, aluno e objeto de conhecimento (VERA; FERREIRA, 2010, p. 230).

Vera e Ferreira (2010, p. 231) irão ainda comentar em como esse espaço criado pelos professores em sala de aula auxilia no empenho acadêmico de seus estudantes.

[...]o fato desses professores estarem sempre dispostos à atender os alunos e tirar as suas dúvidas na sala de aula; faz com que eles busquem contribuir com esta relação positiva, dando um retorno aos professores a partir do cumprimento das atividades sugeridas, o que, por sua vez, possibilita uma experiência prazerosa na aprendizagem.

Pensando nessa questão, entendo que tanto na experiência de Pedro quanto na do desenho animado existe uma predisposição do professor estar sempre presente de forma tanto material quanto afetiva. Essas ações mudaram a forma de aprendizado e as possibilidades do aluno em se permitir melhorar, pois este estava se vendo refletido como Sujeito e não apenas como aluno. Nesse sentido, ao trazer o trabalho que falarei a seguir na perspectiva da prática metodológica considere pertinente pensar nessas relações afetivas entre professor e aluno, pois no momento em que tive de realizar uma atividade requerida na Disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 2, pude vivenciar essa dimensão estabelecida entre o professor e o aluno. Ao possibilitar a mim e aos alunos construir uma narrativa em quadrinhos que evidenciasse suas vidas e seus cotidianos, procurei que de alguma forma eles pudessem se enxergar nesse ambiente escolar e terem poder para criarem uma história deles mesmos. Procurei fazer com que o sujeito se reconhecesse como tal nesse trabalho. A atividade de quadrinhos é uma tentativa de fazer o aluno se enxergar como sujeito nesse ambiente escolar. Falarei mais sobre essa atividade no trecho a seguir.

3.3. Pensando a prática

.Parada Narrativa 6

“Adentrando à Universidade pude perceber a importância dessas subjetividades em meu ensino. A própria escolha de meu curso era o desejo e o amor às ilustrações das histórias tanto de quadrinhos quanto das ilustrações que eu gostava de fazer para os livros que eu lia. Um deles pela influência do amor à literatura tanto de meu professor quanto de minha mãe. A jornada pessoal e o desejo de fazer as coisas como eu queria e da forma que eu entendesse auxiliada por um conhecimento acadêmico me era atraente. Não queria ser como alguns professores nos quais nutri raiva, outros que deixei de gostar de um assunto que previamente eu gostava por achar o professor ‘maldoso’. Acreditar que fazer esse curso não era “uma desculpa para não fazer um curso sério” como alguns

comentaram. É acreditar na subjetividade e afetividade como catalisadora de aprender a ser eu e aprender a dar aula. Foi aprender a ser a estudante que EU sou, não a que os outros esperam que eu seja. É como venho enxergando o que é se tornar professor: não cessar sua busca por novos saberes de si, dos outros, de conhecimentos e da vida. Enfim, aceitar seu não saber.”

Durante as aulas que eu deveria lecionar durante meu Estágio Supervisionado de Artes Plásticas 2 a questão ‘que professora almejo ser’ não me saía da cabeça. Ser um professor como os mencionados na *Parada Narrativa 5* me era demasiadamente importante. Respeitar quem esses alunos eram, trazer algo que tanto eu tivesse um bom domínio quanto algo que fizesse parte de seus cotidianos me parecia uma necessidade mais do que uma escolha. Passando na escola após as aulas percebi que algumas crianças, ao esperarem seus pais liam alguns gibis da turma da Mônica. Lembrei de mim fazendo o mesmo. Uma mediação entre estar comportada para a escola (parada, lendo e não fazendo barulho) e me divertir – além do prazer simples de ler esses gibis mesmo fora desse ambiente escolar. Assim atirei-me em direção a reprodução do processo de fazer um quadrinho, passando a refletir como gostaria de realizar uma aula com tal temática.

Gostaria que os alunos tivessem a experiência que ocorre no meio dos quadrinhos comerciais. Inicia-se com uma ideia de alguma história e alguns personagens; ilustram essa história; passam a nanquim sobre as ilustrações; alguém insere as cores e por fim põem os balões de fala. Assim, o quadrinho encontra-se pronto para publicação pela editora. Claro, publicações independentes podem seguir caminhos diferentes e mesmo no cenário comercial, alguém pode ficar responsável por mais de uma função.

Paralelamente, pensava nas alegrias que tive brincando de criar histórias em quadrinhos. Sozinha, mas principalmente com meus amigos. Um escrevia bem, outro desenhava melhor – todo mundo fazia algo. Ainda guardo com carinho um gibi que eu e minha amiga fizemos no primeiro ano do Ensino Médio: *Mezzo - Doce como um beijo, Forte como o inferno*. Uma brincadeira com o fato de que eu gostava muito de café e nós, juntas, gostávamos desse momento de tomar um cafezinho bom enquanto liamos algo.

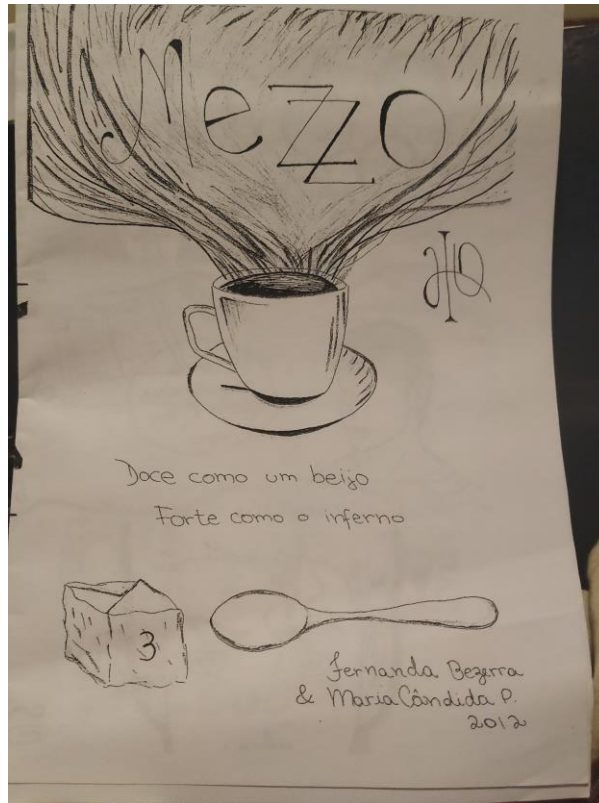


Figura 6 - Capa do gibi Mezzo realizada em 2012, 3ª edição. Acervo Pessoal.

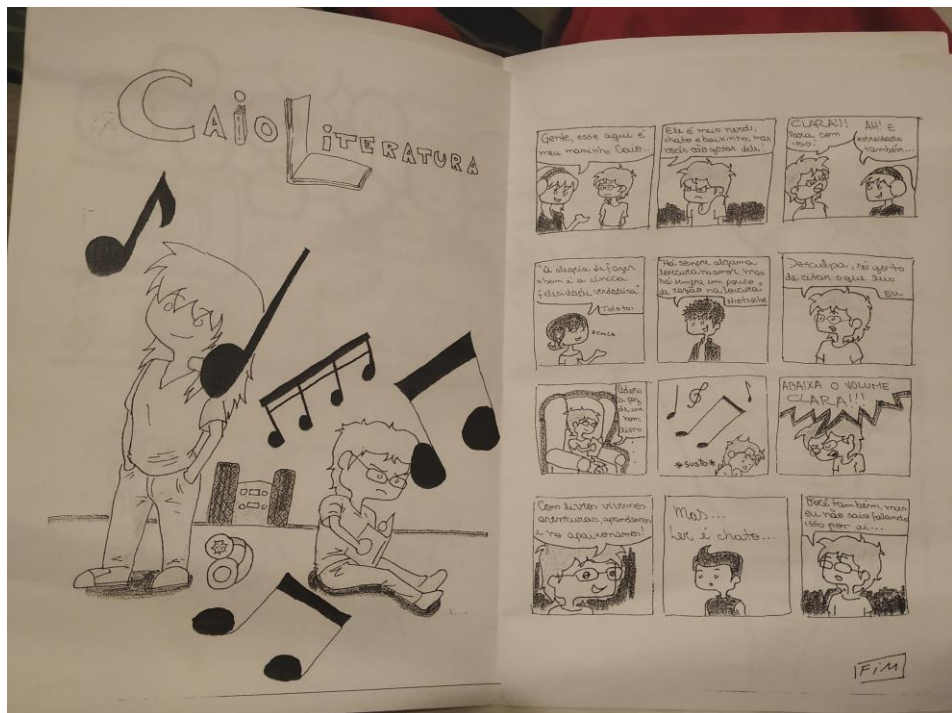


Figura 7 - Trecho da edição do Mezzo, onde apresentamos o Personagem Caio Literatura, inspirado no autor brasileiro do qual gostávamos muito, Caio Fernando Abreu. Acervo pessoal.

Pensando em inserir uma atividade que além de mim já vi outras crianças e adolescentes fazendo em seus cadernos. Quis que eles utilizassem suas experiências pessoais junto com o conteúdo proposto. Um desafio por assim dizer de se ver refletido no que se aprende.

A escola estava próxima das festas juninas e procuravam inserir o folclore brasileiro em suas atividades. Os alunos tinham estudado sua história, como era sua estética e um de seus personagens mais icônicos das cavalgadas de Pirenópolis: os mascarados. Anteriormente a qualquer coisa que eu houvesse passado, os estudantes haviam feito mascaradas personalizadas para eles. Assim, já havia a base de um personagem e, caso quisessem, a base de uma história ou um contexto.

Realizei minha atividade por partes. Primeiramente gostaria que cada um criasse quantos personagens quisessem que pudesse interagir com o Mascarado. Na atividade seguinte, pedi que cada um criasse quantos cenários quisessem. Por fim, pedi que se juntassem em grupos de quatro. Cada grupo receberia aleatoriamente alguns personagens e alguns cenários. Deveriam discutir os personagens e como eles existiriam dentro dos cenários que lhes foram dados e qual seria a história. O único pré-requisito fundamental era que a história deveria ter um começo, meio e fim e que todo mundo do grupo deveria participar da confecção dos desenhos. Cada aluno fez um desenho de um dos quadros e ao final eles colavam cada desenho em uma cartolina para 'juntar' tudo.

O modelo dos trabalhos ficaram como na imagem a seguir:

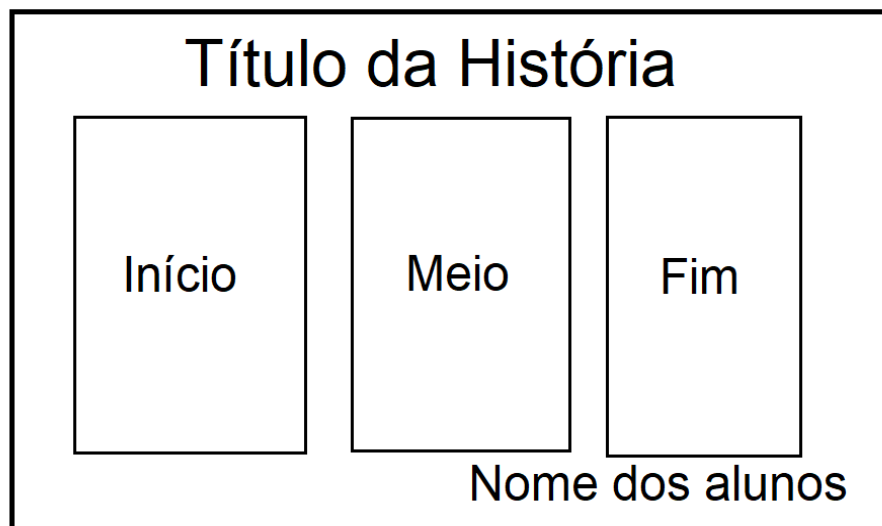


Figura 8 - Modelo do trabalho proposto por mim durante as aulas de Estágio Supervisionado em Artes Visuais 2. Acervo pessoal, 2018.

3.4. Prática pedagógica

O trabalho realizado em sala com esses alunos me permitiu ver um pouco mais sobre quem eles são e quais seus prazeres. Uma ferramenta pedagógica que me permitiu ver quem são tanto quanto os permitiu ser e fazerem o que apreciam sem represálias – pois sabiam que só havia um pedido: uma história com início, meio e fim que contivessem os elementos que eles haviam criado nas aulas anteriores a confecção da história em quadrinho.

Na imagem abaixo, podemos ver como a questão dos desenhos animados estão presentes em suas vidas. O personagem Bob Esponja, por exemplo, foi reconhecido por todas as participantes e incorporadas ao trabalho delas. Elas materializaram algo recorrente de seus cotidianos e o colocaram em um trabalho escolar sem medo de represálias – chegando até a matar o personagem de modo cômico, como elas pareciam insinuar enquanto conversavam entre si.



Figura 9 - Quadrinho realizado por alguns alunos. Aqui podemos ver o touro (mascarado?) saindo da geladeira e indo encarar o Bob Esponja para então o jogar ao chão. Acervo Pessoal.

A geração Z¹² e Y¹³ cresceram com a companhia da televisão para passarem o tempo devido a uma miríade de questões. Entre as mais preponderantes, a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho e o estabelecimento da televisão como um bem de acesso facilitado.

Nesse contexto social, com mães que trabalham em período integral, ocorreu uma grande mudança cultural e social dentro dos lares, e como consequência destas transformações, as crianças tornaram-se importantes consumidoras da mídia televisão, o que as difere das da primeira metade do século. Por esta razão, atualmente existem programas destinados somente ao público infantil. [...]observa-se que nos países e cidades onde a TV é amplamente difundida, ela constitui também o meio de comunicação mais provável de ser usado pelas crianças. Assim, a mídia se faz presente na vida da população infantil da sociedade contemporânea [...] (FEILITZEN, ANGELINI *apud* ANDRADE, SCARELI, ESTRELA, 2012, p. 3).

Embora a internet tenha ganhado força nos últimos tempos, o poder da televisão ainda se faz presente quando vemos alunos utilizando personagens feitas para elas assistirem. Seria tolo pensar que algo que estudantes carregam consigo ao longo de suas vidas, sempre os assistindo – por vezes até imitando – não teriam um peso na forma com que aprendem novas coisas e se constroem com o mundo. Afinal todas essas questões das tecnologias e agregamento de imagens

são apreendidos de múltiplas maneiras, em grande parte em situações não presenciais, ou seja, em contextos virtuais, construídos na, e a partir da utilização frequente das novas tecnologias. As aprendizagens das gerações atuais acontecem através de articulação e cruzamento de informações e experiências vividas em instituições tradicionais da educação, como família e escola, e informações e aprendizagens veiculadas por mensagens, imagens, ideias, recursos e linguagens midiáticas (BELIDSON, 2018, p. 16-17).

Pude ver no desenrolar dessas atividades outra questão muito interessante que foi como os alunos se inseriam em seus desenhos. Uma das alunas, desenhando os personagens que gostariam que aparecessem na histórias, desenhou uma sereia negra e de cabelos loiros. Isso me intrigou, pois ela era a mesma aluna que vi brigando com um colega seu sobre qual lápis era o “cor-de-pele” e ela respondeu algo como “isso é rosa (na mão do colega), minha pele não é assim. Eu desenho eu mesma se eu quiser!”. Embora seu desenho tenha posto a

¹² Comporta os jovens nascidos em meados dos anos 90 até os dias atuais.

¹³ Também conhecida como geração milênio, são pessoas nascidas em meados dos anos 80 até os dias atuais

utilização de seu entendimento de cor de pele, a sereia ainda tinha um cabelo liso e loiro – diferente dela mesma. Curiosa, questionei a escolha da cor do cabelo da serei. “É por que ela é princesa e é sereia!” e falou sobre como eles devem ter cabelos loiros e olhos claros, para que possam ser bonitas.



Figura 10 - Desenho da atividade que culmina nos quadrinhos. Esboço de personagens. Acervo Pessoal.

Essa relação física me remete muito a cultura visual¹⁴ que vem crescendo em relação aos personagens negros em desenhos animados. Personagens como Miles Morales, um super-herói negro, recentemente estrelou em uma animação de sucesso – Homem-aranha: no aranhaverso como protagonista. A Disney, em 2009, lançou A princesa e o sapo – cujo fenômeno social mais notável foi a questão da protagonista do filme, Tiana, ser a primeira princesa negra da franquia.

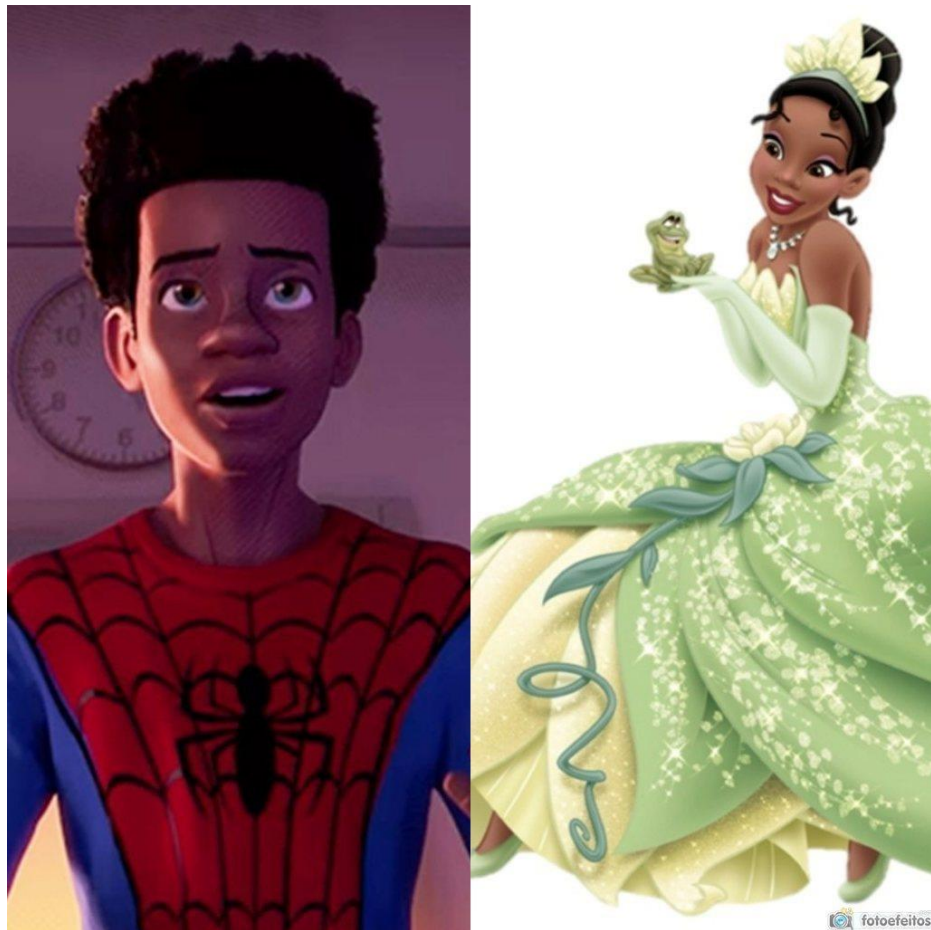


Figura 11 - Miles Morales (esquerda) e Princesa Tiana (direita). Símbolos das mudanças sociais no mainstream. Imagens disponíveis em:

<<https://i.pinimg.com/originals/fb/be/f5/fbbef59b979dcd0aee4e42690eba7437.jpg>>; <https://http2.mlstatic.com/princesa-tiana-1-totem-70cm-10-mini-displays-D_NQ_NP_669041-MLB27692127560_072018-F.jpg>.

Inconscientemente, essa aluna tomou para si alguns valores que via em seus cotidiano na televisão/internet e os aplicou em seu desenho (figura 10). No papel, materializou seu mundo interno e me permitiu conhecer um pouco mais sobre quem

¹⁴ Reitero que não irei me aprofundar em questões referentes a Cultura Visual devido a uma questão de tempo de inserção de conceitos durante a execução desse Trabalho de Conclusão de Curso. Entre eles Belidsion Dias.

ela era. Minha busca por afetividade em sala de aula se deu nessa atividade de elaboração e criação de uma pequena história em quadrinhos. Permitindo ao Sujeito me dizer quem ele é (embora apenas em um fragmento), expressar-se e o permitir se divertir em seu aprendizado – ajudando-me, assim, a encontrar um ambiente em sala de aula mais agradável.

Poucas aulas durante minha trajetória escolar me permitiram sentir um prazer no aprender. Ou eu gostava de algo ou a escola tomava esse prazer de mim – mesmo em matérias que a princípio eu parecia apreciar. Nunca ter me sentido Eu em um ambiente (a escola) que passei minha infância e adolescência frequentando me parecia um castigo – desprovida de prazer; desprovida de poder ser quem eu era (ou quem eu buscava ser). Nessa perspectiva, vi-me incapaz de não me imaginar com a idade desses estudantes – deveres, colegas, desenhos e descontração. Imaginando meus professores que me são queridos. Refletindo sobre o lado do professor e suas capacidades (minhas capacidades!). Procurando encontrar uma conciliação entre nossas subjetividades (minha e dos alunos) e o conteúdo. Sempre em uma busca.

4. Parada em devir

Aqui, o ônibus já está demasiadamente longe de casa. Um caminho já foi percorrido e ainda um mais longo caminho aguarda a ser percorrido. Você acompanhou a janela do ônibus comigo durante todo esse trajeto – mesmo que eu estivesse te obstruindo parcialmente de ver tudo o que acontecia na janela. Você começa a olhar os lados – vendo se o botão de parada de ônibus está próximo a você ou não – sabemos que a parada que você desce se aproxima. Eu fico aqui, esperando a parada que eu vá descer.

Minhas experiências com a imagem são parte de minha formação enquanto Sujeito. Atravessaram minhas personalidades, meu senso moral e me deram mais arsenais para entender o que quero fazer e onde quero chegar. A introspecção, um mundo de imagens e as questões da cultura Pop e em como eu me sinto (ou não) inserida nela forja também minha identidade visual. A realização de zines (histórias em quadrinhos com baixo custo de produção publicado de forma independente) que possuem caracteres autobiográficos e questões da cultura Pop são recorrentes. Abaixo (imagem 13), o exemplo de um zine pronto para a impressão. Para criar uma ordem cronológica na imagem abaixo, após a impressão, realizo um corte e uma dobra específica para que ela siga o formato que desejo.

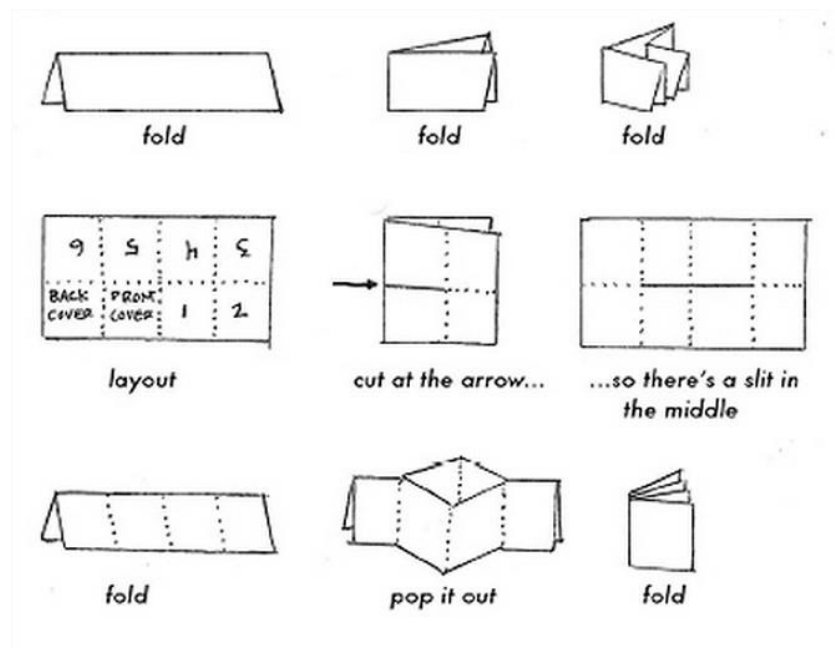


Figura 12 - Como fazer um zine que utiliza apenas uma folha. Disponível em: <<https://lucasmafra.com/wp-content/uploads/2015/01/fold-zine.jpg>>



Figura 13 – Zine pronto para a impressão realizado por mim e adaptado para a Disciplina de Projeto Interdisciplinar realizada em 2018/2. Acervo Pessoal.

Assim, na escrita que possibilitou o desenvolvimento dessa pesquisa observo o quanto foi possível contar sobre as minhas experiências formativas. E também, o quanto foi possível buscar elementos que possibilitaram um encontro pessoal com as minhas memórias e processos associados com o aprender em artes visuais. Nesse sentido, a pesquisa possibilitou descobrir, momentaneamente, quem sou¹⁵ (SPARKES; DEVIS, 2007, p. 4), no sentido das investidas teóricas apresentadas no texto, em especial, a partir do conceito de sujeito. Destaco a importância das descobertas pessoais a partir daquilo que faz parte da vida e da formação dos sujeitos. Particularmente, nessa pesquisa, reforço que a imagem também foi determinante para o entendimento da minha história pessoal e formativa.

Nesse sentido, poder contar minha história, meus prazeres e similares me trazem liberdade de descoberta e um prazer no ato de fazer. Impossível então não me ver enquanto um “vir a ser professora” senão em uma busca de permitir que eu possa fornecer uma ferramenta para que discentes possam explorar quem são – dentro e fora de sala de aula. O exemplo apresentado como atividade de história em quadrinhos surgiu de forma instintiva e fluída, talvez pela necessidade que sinto e sentia. Quem há de dizer que outros não se sentem do mesmo modo.

‘Que professor quero ser’ será alguém que em suas afetividades trabalha com a vida. Uma professora em busca que almeja possibilitar e/ou incentivar que outros partam em busca. Busca de si, busca de aprender (embora nem sempre da forma tradicional) e busca de se sentir confortável em Ser um Sujeito que sempre está se tornando - um Sujeito em Devir¹⁶.

Sabendo disso, saio de meus pequenos empregos de professora particular para uma busca de uma experiência em sala de aula. Uma sensação que mistura acabar um ciclo com começar outro. Uma sensação que aprendi muito e que ainda aprenderei muito mais. Saber que estarei sempre em **devir**, essa parada que nunca chega. Ao mesmo tempo, antes dessa parada já passei por tantas outras. Nesse tempo até chegar lá, vou buscando quem sou e quem eu posso ser e nessa busca vou resignificando esse estar no mundo. Ter essa ciência comigo me acalma. Ter a ciência de que outros também estão em eterno devir me acalma ainda mais,

¹⁵ “el yo y las identidades se forman mientras se cuentan los relatos sobre las propias vidas¹⁵” (SPARKES; DEVIS, p.4). Já citado anteriormente.

¹⁶ Embora compreenda que há uma questão técnica que se encontra no uso da palavra DEVIR, utilizo-me de seu sentido de estar em construção – não na sua construção teórica que a palavra pode vir a implicar.

especialmente como professora em devir.

Referências

ALVES, Antônio Lucas. Imagens de arte e autoformação da sexualidade: O desenho como perspectiva de uma escrita de si. Trabalho de Conclusão de Curso: Licenciatura em Artes Visuais: Universidade de Brasília, Brasília. 2018.

ANDRADE, L.; SCARELI, G.; ESTRELA, L. As animações no processo educativo: um panorama da história da animação no Brasil. 2012. Disponível em: <http://educonse.com.br/2012/eixo_08/PDF/52.pdf> Acesos em: 4 Outubro de 2019.

DIAS, Belidson. O i/mundo da educação da cultura visual. Brasília: Pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.

ELIA, Luciano. O Conceito de Sujeito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Ed 3. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. Ed 2 Porto Alegre: L&pm, 2016.

FREUD, Sigmund. O Compêndio da Psicanálise. Ed. Porto Alegre: L&pm, 2017.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LACAN, Jacques. O Estádio do Espelho Como Formador da Função Eu. Comunicação no XVIº Congresso Internacional de Psicanálise, Zurich, 17 de julho de 1949. Disponível em: < <http://www.sergiofreire.pro.br/ad/LacanEstadEsp.PDF> > Acesso em: 19 de Setembro de 2019.

MENEZES, Vera. A pesquisa narrativa: uma introdução. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. 8, p. 261-266. 10. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v8n2/01.pdf> > Acesso em: 3 de Novembro de 2019.

NOGUEIRA, R.; BARBOSA, A.; ZACARIAS, J. A afetividade na relação professor-aluno a partir da teoria psicanalítica: um estudo realizado na escola Pedro de França Reis. 2013. Disponível em: < https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8189_6082.pdf > Acesos em: 1 de Novembro de 2019

RIVERA, Tania. Arte e Psicanálise. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

SPARKES, A.; DEVÍS, J. Investigación narrativa y sus formas de análisis: una visión desde la educación física y el deporte, 2007. Disponível em: < http://viref.udea.edu.co/contenido/publicaciones/memorias_expo/cuerpo_ciudad/investigacion_narrativa.pdf> Acesos em: 3 de Novembro de 2019.



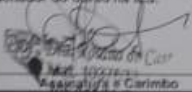

VELOSO, Caetano. Sampa. Rio de Janeiro: CBD Phonogram: 1978. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=qeDqXLkXvr4>> Acesos em: 24 de Novembro de 2019.

VERAS, Renata da Silva; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário. Educ. Revista, Curitiba , n. 38, p. 219-235, Dec. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440602010000300015&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 29 de Setembro de 2019.

VERSIANI, F. R.; CABELLO, A.F. (Coord). Introdução à Economia. Apostila do curso de Introdução à Economia da Faculdade de Economia da Uiversidade de Brasília, 2017.

ANEXOS

Anexo A – FIAE – Formulário de Indicação de Apresentação de Estudante Para Estágio na Secretária de Educação do Distrito Federal. Página inicial e página final.

 Universidade de Brasília	
FIAE - FORMULÁRIO DE INDICAÇÃO E DE APRESENTAÇÃO DE ESTUDANTE PARA ESTÁGIO NA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL.	
Nome da Coordenação Regional de Ensino (CRE): Plano Kato Biblioteca infantil 7041204 Sul SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL Fernando Bezerra de Oliveira	
Nº Matrícula na IES: 7510009470	RG: 3994996
E-mail do estudante/estagiário: fernando_bezerra@hotmail.com	CPF: 050.412.727-95 Telefones do estudante/estagiário (fixo e celular): (61) 98172-2409
Curso/Modalidade: Artes Visuais - Licenciatura	
Disciplina de Estágio na Instituição de Ensino Superior (IES): Os valores de de Brasília	
Nome do professor orientador da Disciplina de Estágio na IES: Rosana de Castro	
E-mail do coordenador de estágio ou do professor orientador da disciplina de estágio supervisionado na IES: rosana.unb@gmail.com	Telefone do coordenador de estágio ou do professor orientador da disciplina de Estágio Supervisionado na IES:
ATIVIDADES DE ESTÁGIO - Descrição (de acordo com o Termo de Compromisso de Convênio):	
Observação	70H
Regência	70H
Carga Horária TOTAL: 20H	
Segmento:	
<input type="checkbox"/> Creche <input type="checkbox"/> Educação Infantil <input type="checkbox"/> Anos Iniciais (EF) <input type="checkbox"/> Anos Finais (EF) <input type="checkbox"/> Ensino Médio	
Nome da Disciplina / Componente Curricular Escolar:	
<input type="checkbox"/> Não se aplica <input checked="" type="checkbox"/> Disciplina: Artes Visuais estágio	
Modalidade:	
<input type="checkbox"/> Ensino Regular <input type="checkbox"/> EJA - Educação de Jovens e Adultos <input type="checkbox"/> Matutino <input checked="" type="checkbox"/> Vespertino <input type="checkbox"/> Noturno	
Outro: Escola de Criança	
Supervisor de Estágio na Escola:	
<input checked="" type="checkbox"/> Professor-Regente <input type="checkbox"/> Coordenador Pedagógico <input type="checkbox"/> Supervisor Pedagógico <input type="checkbox"/> Diretor/Vice-Diretor <input type="checkbox"/> Outro (especifique):	
Professor/Coordenador/Orientador de Estágio na IES:  Prof. Rosana de Castro Assessoria de Ensino e Currículo Faculdade de Educação	Diretor ou Coordenador do Curso na IES:  Assessoria de Ensino e Currículo Faculdade de Educação
Recebido na CRE	
Brasília, 30 de abril de 2019 Local e Data de Protocolamento na CRE	 Assinatura e Carimbo com Nome e Matrícula - CRE
Obs.: Este formulário deverá ser preenchido pelo estudante em 2 (duas) vias, assinado e carimbado pela IES e apresentado à CRE. Uma via ficará na CRE e a outra na IES. O estudante deve comparecer à CRE com este formulário preenchido e assinado pela IES.	

Universidade de Brasília

VI - por interesse ou por conveniência da Administração, desde que devidamente motivado, e com antecedência mínima de 30 (trinta) dias;

VII - por ausência injustificada por 8 (oito) dias consecutivos ou 15 (quinze) dias interpolados, no período de um mês;


VIII - por comportamento incompatível com as escolas da SEEDF;


IX - por divulgar informações sigilosas da SEEDF ou da Unidade Escola/Administrativa a que tenha acesso em decorrência do estágio.


Para que produzam os efeitos legais, as partes firmam o presente instrumento em 04 (quatro) vias de igual teor, cabendo à primeira à SEEDF, a segunda ao ESTAGIÁRIO, a terceira à Universidade de Brasília - UnB e a quarta à UNIDADE ESCOLAR/ADMINISTRATIVA.

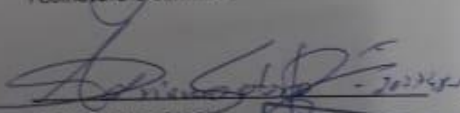
Brasília, 30/04/2019.

ASSINATURAS:


ESTAGIÁRIO
Assinatura


Clayton Quirino Mendes
Coordenador de Desenvolvimento
Acadêmico e Profissional
SEEDF/DAIA/COADP
Diretoria Acompanhamento e Integração Acadêmica - DAIA
Fundação Universidade de Brasília
Assinatura e Carimbo


Prof. Dr. Rogério de Castro
Mat. 1037633
UNB
Professor (a) Orientador da UnB
Assinatura e Carimbo


CONCEDENTE (CRE)
Assinatura e Carimbo

BDF - SEEDF
CREPPC/UNIB


UNIDADE ESCOLAR/ADMINISTRATIVA
BIBLIOTECA
Assinatura e Carimbo
PANTEÃO 104/304 SUL
40311-2

Anexo B – Carta de Encaminhamento de Estagiário

ESCOLA

**GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO**

CARTA DE ENCAMINHAMENTO DE ESTAGIÁRIO

À Direção da Escola: Biblioteca 704/304 Sul

Encaminhamos a essa escola o(a) estudante: Fernanda B. Gomes de Oliveira

da Instituição de Ensino Superior UnB

do curso Artes Visuais - Licenciatura, matrícula 75/0009470, para realizar as atividades de ESTÁGIO SUPERVISIONADO nessa escola, de forma a cumprir com a carga horária correlata, conforme documentos anexos.

Solicitamos que essa direção:

- 1 - Confira a identificação do estudante/estagiário (documentos de estágio com documento pessoal de identificação).
- 2 - Disponibilize o Projeto Político-Pedagógico da escola ao estagiário.
- 3 - Apresente e encaminhe o estagiário para o servidor que ficará responsável pela supervisão do estagiário na escola.
- 4 - Confira e assine as 4 vias do TC - Termo de Compromisso de Estágio Supervisionado (deverão estar totalmente preenchidas, assinadas e carimbadas pela IES e pela CRE).
- 5 - Encaminhe 1 via do TC para a CRE, archive 1 via do TC no arquivo de controle de estagiários da escola e devolva as outras duas vias ao estudante.
- 6 - Ao final do estágio, assine os documentos finais que forem apresentados e emita uma Declaração de Conclusão de Estágio para o estudante.
- 7 - Encaminhe o Parecer Final de Estágio para a CRE informando a situação final do estudante/estagiário.

Atenciosamente,

Brasília, 30 de Abril
Local e Data

Adriana Torres 202748-5
Coordenação Regional de Ensino SEEDF
(nome, matrícula, assinatura e carimbo) CREPPC/UNIB